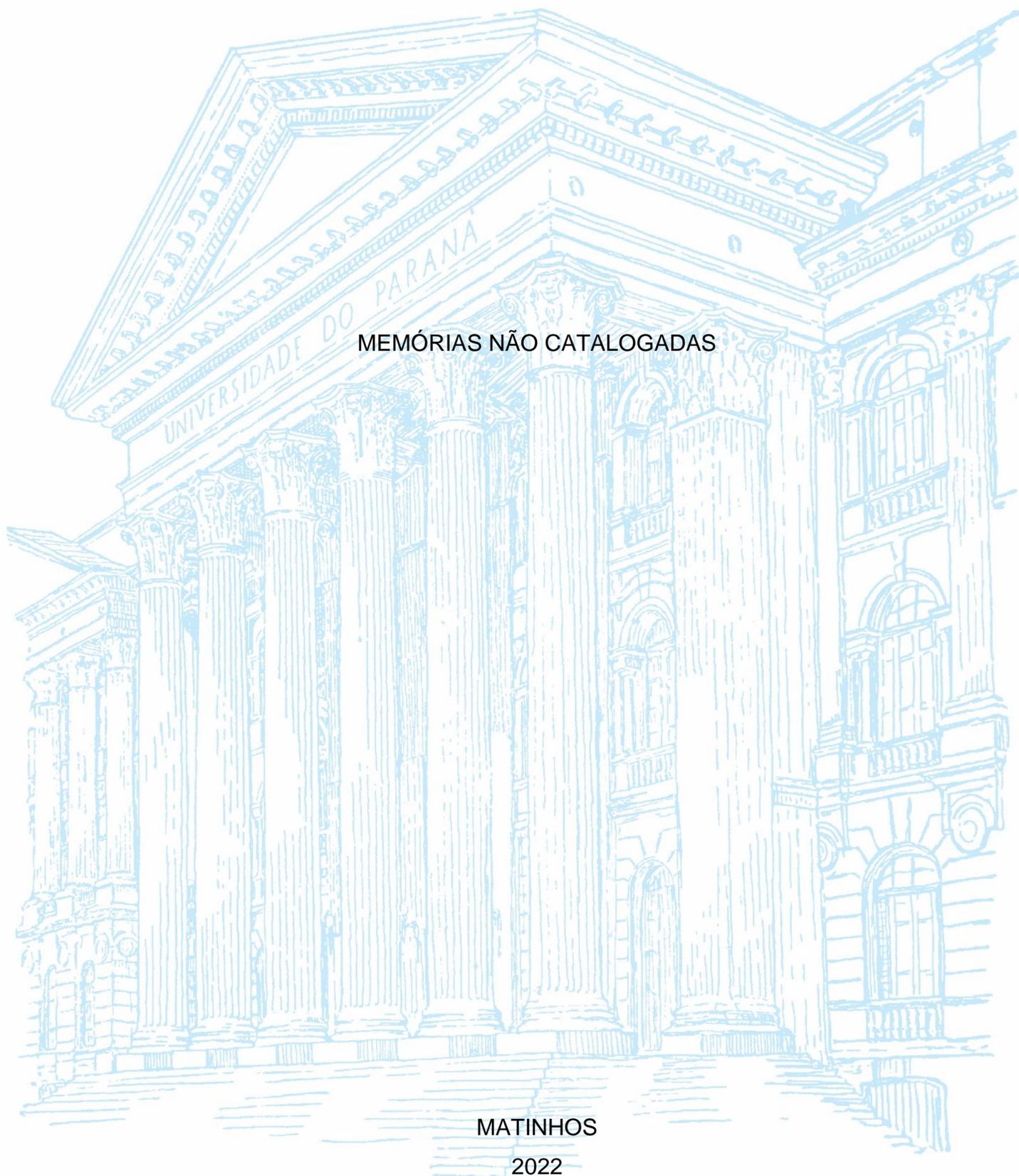


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GRACIELE CRISTINE DE ANDRADE

MEMÓRIAS NÃO CATALOGADAS



MATINHOS

2022

GRACIELE CRISTINE DE ANDRADE

MEMÓRIAS NÃO CATALOGADAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Gestão Ambiental, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Harder

MATINHOS

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

GRACIELE CRISTINE DE ANDRADE

MEMÓRIAS NÃO CATALOGADAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Gestão Ambiental, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão Ambiental.

Prof. Dr. Eduardo Harder

Orientador – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral

Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral

Teresa Giauhare Tannuri Marcon

Universidade de Araras, Design em Modas

Matinhos, 5 de maio de 2022.

In memoriam de Jurema Elvira dos Santos e Emanueli Santos.

AGRADECIMENTOS

As forças que me guiam e protegem nessa caminhada terrena.

Aos colegas de curso e de projetos universitários, por todos os aprendizados, especialmente aos que dividi madrugadas em claro.

Aos queridos professores, em especial aos orientadores que acompanharam minha jornada acadêmica, sempre com a compreensão de que o aluno é mais que um número.

Aos familiares e amigos que apoiaram e me deram condições de seguir nos estudos.

E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.

Ailton Krenak

Sumário

1 PREÂMBULO	16
2 MEUS CAMINHOS	18
3 SOBRE AS MEMÓRIAS	21
4 MEMÓRIAS NÃO CATALOGADAS.....	23
5 POSFÁCIO.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXO 1 – ESQUEMAS	31
ANEXO 2 - MEMORIAL DE VIVÊNCIAS.....	33
ANEXO 3 - MEMORIAL DAS INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS.....	36

1 PREÂMBULO

As reflexões sobre o tripé saúde/natureza/sociedade permearam e permeiam minha trajetória acadêmica e humana. Com estudos realizados nos mais diversos campos de conhecimento, como é característica da Gestão Ambiental, compreendi a importância e o valor do estabelecimento de novas interconexões epistemológicas voltadas para a reflexão socioambiental. Seja sobre a grande Caudal da Vida, os seres e suas relações desde os micros aos macrocosmos à ecologia de saberes.

Essa relação é construída a partir não somente do reconhecimento intelectual dos conhecimentos, mas principalmente através da sensibilização através do processo de aprendizado e das vivências no campo socioambiental em sentido amplo. Os diferentes espaços pedagógicos, projetos e programas universitários da UFPR Litoral me proporcionaram uma imersão abrangente em um humanismo em diálogo com o século XXI, tendo o respeito aos sagrados da natureza como guias. A experiência aqui relatada busca compreender, portanto, as relações sociais e naturais através da visão holística.

Como um bom orientador costumava dizer: existem várias lentes para vermos o mundo; basta pô-las para podermos compreender e dialogar com um determinado fato/objeto/temática. A linguagem escolhida para esse trabalho de conclusão possui uma natureza híbrida, verdadeiro misto composto por pedaços de meus refúgios, alguns de meus mais íntimos registros desses anos usando as lentes de uma estudante de Gestão Ambiental. Essa grande área de conhecimentos me permite a interlocução com a arte, fiel amiga nas horas de angústia. Assim, durante os anos de graduação, me descobri e redescobri através de algumas práticas.

Já percorri tantos caminhos para a compreensão dessa maravilhosa experiência que é a universidade pública brasileira: desde os encontros nas feiras (agroecológicas, de economia solidária, artesanato, trocas de sementes crioulas e mudas da mata atlântica) e até as conversas nos vários espaços de socialização e cultura. Tudo isso me permitiu compreender como parte de um todo cíclico e não o topo de nenhuma cadeia, como melhor oradora que escritora, como melhor amiga do que estudante, como uma pessoa jovem e com um longo caminho a percorrer (ainda nessa vida).

Pude compreender que o caminho da Vida e da construção do conhecimento não tem um fim previsível, que nos adaptamos e transformamos a nós mesmos, não ao outro. Que nem sempre o caminho mais convencional é o melhor pra nós.

E assim nasceu esse trabalho: a partir da compreensão de um eu que, nesse momento, também se expressa enquanto “artista” em diálogo com os saberes e conhecimentos socioambientais. Mas não enquanto (ou para além) uma linguagem e forma acadêmica usual. Que uma avaliação destituída de uma natureza poética ou revestida sob uma tipologia racional (a)crítica exige. Nos moldes de uma temporalidade afeita a inúmeros encontros de orientações/mediações desde a semente que denominamos projeto de aprendizagem. E de muitas transformações. Esse é o fruto de muitas insônias e ansiedades, mas também de afeto, carinho e abraços virtuais em tempos de pandemia.

E assim apresento o fruto de longos anos tentando descobrir que a impermanência do projeto, se transforma aos poucos em um documento de vida que denominamos trabalho de conclusão de curso. E que ele está em curso em nosso interior, mesmo sem ganhar uma forma definitiva. Tudo isso, enquanto sem saber o fazia, um pouco a cada poesia ou foto perdida na galeria. Espero que perdoem minhas previsibilidades e as imprevisibilidades também, e que consigam apreciar essa pequena coleção de memórias.

2 MEUS CAMINHOS

A elaboração do presente trabalho é fruto de um longo percurso de estudos e pesquisas sobre as interfaces entre segurança e soberania alimentar, saúde ambiental e socioambientalismo. As leituras e debates do Guia Alimentar para a População Brasileira foram marco divisor no processo de pesquisa. No entanto, pairava uma sensação de que faltava algo.

Como comunicar ou tornar público percepções e análises que estavam, muitas vezes, imbricadas a um olhar subjetivo e crítico da realidade? A simples exposição de resenhas ou de uma revisão bibliográfica parecia não constituir o substrato adequado para o presente momento, então buscávamos outras formas de expressão, cuja poética não encontrava um espelho adequado em frios relatórios ou textos convencionais.

A participação em um programa de iniciação científica durante a graduação me trouxe a experiência de escrita de relatórios e cumprimento de prazos, os quais propiciaram a vivência científica inerente ao meio acadêmico em geral e na graduação em particular, por outro lado, o processo em si revelou uma espécie de cisão na alma, de que o resultado final não expressava por inteiro o que eu sentia e pensava em seus aspectos mais amplos.

Isso não me afastou da dedicação aos diversos módulos que lastreiam os fundamentos teóricos e práticos do curso de Gestão Ambiental na Universidade Federal do Paraná. Bem como das Interações Culturais e Humanísticas e demais atividades que compõem o cotidiano do ensino superior, tais como palestras, cursos e eventos de extensão, etc.

Mas o espaço pedagógico do projeto reservava uma tensão especial. Um desejo de ampliar as formas de expressão e, ao mesmo tempo, o receio de subtrair os parâmetros formais acadêmicos usualmente defendidos sobre “o que é ciência”, no caso socioambiental, ou não. Aqui foram fundamentais as discussões sobre arte e educação ambiental e, em sentido geral, meio ambiente. Reconhecer os caminhos abertos anteriormente por artistas e ambientalistas desde a década de 1960 e 1970, foi fundamental. O segundo passo foi perceber o amadurecimento dos sentidos e da identidade da educação ambiental e suas profundas ligações com a arte de modo geral.

E como isso foi, aos poucos, sendo expresso não apenas pelo movimento socioambientalista, mas com consideráveis apropriações no ambiente das próprias universidades. Ensino, pesquisa e extensão encontravam na inter e transdisciplinaridade um paradigma epistemológico e existencial que articulava ecologia política, justiça ambiental, arte e socioambientalismo.

As salas de aulas, as galerias de arte, a arte de rua, os museus, os artigos, livros e trabalhos acadêmicos aproximavam linguagens e sensibilidades. Novas cartografias do bem viver e do desejo de um mundo melhor e cuidadoso com a manutenção e reprodução da Vida.

A pandemia significou, de forma abrupta, uma ruptura com os processos de mediação, orientação e amadurecimento do trabalho. Os encontros remotos substituíram as reuniões nas salas de aula da universidade. O sinal da internet passou a ser um requisito mínimo indispensável para a continuidade dos estudos e diálogos. Tempos difíceis. Tempos de retorno às terras altas do primeiro planalto, em Campo Largo, com as recordações dos intensos momentos de transformação vivenciados na UFPR Litoral. Tempos de acompanhar e ser responsável pela saúde de familiares próximos, para além da pandemia. Tempos de isolamento, reflexão e desejo de superar condicionantes de saúde pública o quanto antes.

Em paralelo a tudo isso, a Gestão Ambiental consolidava, passo a passo, sua trajetória como campo de conhecimento e profissão. O encontro com perspectivas ameríndias, quilombolas, dos terreiros, comunidades do campo e das cidades, elevou o estatuto e a compreensão de si do que significa ser uma Gestora Ambiental no século XXI. Caminhar pelas ruas das cidades, atravessar as águas dos rios e do litoral paranaense significava, cada vez mais, compreender o mundo com uma óptica transformadora. Inclusive na proposta de apresentação de um trabalho de conclusão de curso.

Ao tomar conhecimento da tradição do curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal do Paraná em recepcionar e incentivar a produção de conhecimentos a partir de diferentes linguagens artísticas, tais como filmes, música, intervenções e performances, me senti acolhida na proposição de aproximar a fotografia e a poesia como instrumentos de reflexão socioambiental.

A pedra de toque que abriu o leque de opções materiais visando a concretização do trabalho se deu com a apreciação da obra produzida em meados da

década de 1970 pelo poeta Paulo Leminski e pelo fotógrafo Jack Pires, cujo título é Quarenta Clics em Curitiba. Publicação rara e esgotada, sua fruição somente foi possível a partir de fragmentos expostos na internet. Mas foi o suficiente para instaurar novas rotas de expressão entremeando arte e a preocupação com o meio ambiente.

As fotografias selecionadas são oriundas de diferentes situações e momentos, antes e durante a pandemia de Covid-19. Algumas estão relacionadas diretamente ao cotidiano do curso, como aulas de saídas de campo. Outras fazem parte do meu cotidiano em sentido ampliado, com caminhadas e experiências significativas. As poesias foram sendo elaboradas aos poucos, antes e durante o processo de confecção do presente trabalho. O alinhamento do texto poético e das imagens foi sendo lentamente destilado, refinado, em camadas agudas de sentimento e olhar crítico sobre o mundo ao meu redor.

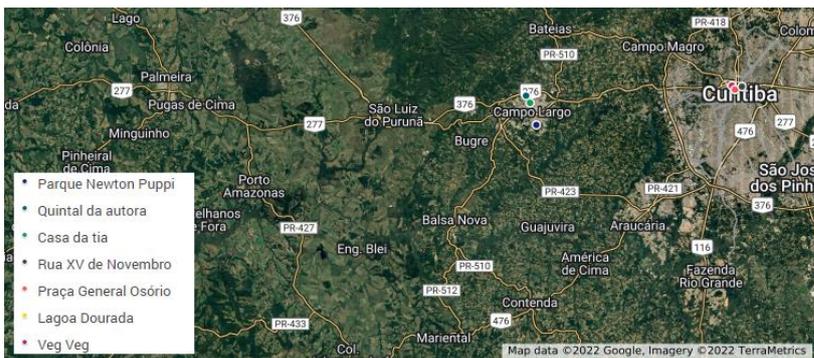
A disposição nas páginas possui intencionalidades próprias da autora, no entanto o conjunto busca conferir autonomia interpretativa a quem venha apreciar o trabalho. Trata-se de uma primeira experiência artístico socioambiental, que almeja a interlocução com as pessoas, o diálogo intersubjetivo transformador.

3 SOBRE AS MEMÓRIAS

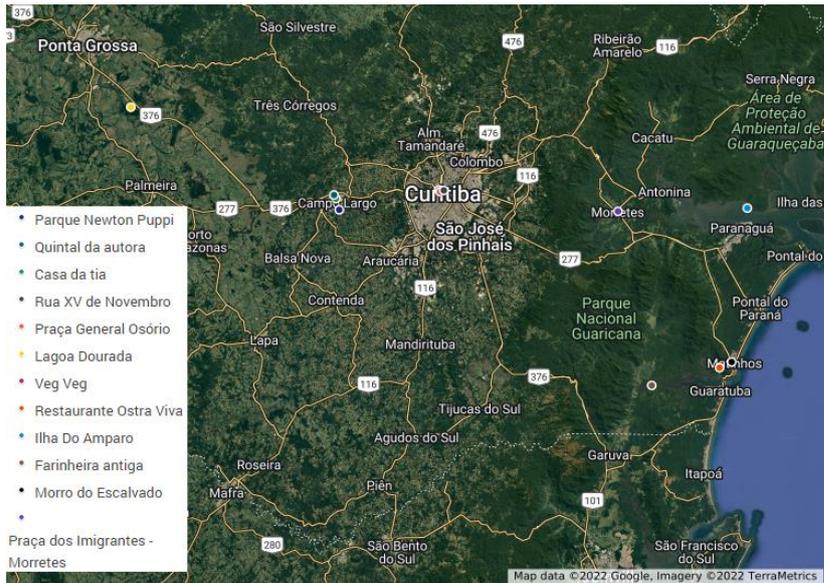
Antes de irmos aos retalhos dessa colcha de memórias é necessário ter uma compreensão espacial dos locais onde essas foram geradas. Com pequenos pontos coloridos nos mapas abaixo demarquei seus locais de origem, podemos observar que todas elas são paranaenses. Em grande maioria estas são da mesorregião metropolitana de Curitiba, especialmente do litoral onde residi durante três anos da graduação e iniciei o processo de escrita e fotografias, e foi também onde conheci uma Umbanda e pude me encontrar nesse universo diverso de uma religião e filosofia brasileira.



Mapa 1, todos os pontos.



Mapa 2, pontos da grande Curitiba e região metropolitana.



Mapa 3, pontos da grande Curitiba, região metropolitana e litoral paranaense.

Os mapas demonstram as localizações das fotografias desse trabalho, sendo a localidade mais distante no oeste paranaense, na cidade da tríplice fronteira brasileira, e em uma das maravilhas naturais desse país. A fotografia nas Cataratas do Iguaçu é fruto de um congresso Ibero-americano de socio economia que me rendeu a oportunidade de ir visitar esse local, para mim sagrado do reino de Oxum, sendo uma experiência de contemplação deste que nos molha sem sequer pormos os pés ao rio.

Faço questão de ter a Umbanda aqui presente nessa explicação pois empresto da visão de respeito aos campos naturais do planeta que vivenciei no terreiro. Também porque muito além da contemplação nos poemas trago a ambiguidade que aprendi a respeitar dentro desse contexto, não acreditando na dicotomia de céu e inferno, mas sim nas transformações próprias da natureza, seja ela humana, ecossistêmica ou espiritual.

Trouxe três grandes questões que dialogam nesses universos já mencionados, a questão do sagrado, a questão dos alimentos e a questão da saúde, talvez as transições e diálogos entre as poesias e fotos não sejam muito claros, pois em muitos momentos o entrelace é presente. Para finalizar essa seção exemplifico o que tento aqui explicar com o poema Fornalha, onde lamento a saúde de minha avó deteriorada pelo ciclo natural de seus 79 anos terrestres, enquanto relembro de um momento em que a produção do alimento se fazia presente em minha infância.

4 MEMÓRIAS NÃO CATALOGADAS



Abelha sem ferrão, pousando sobre a flor de um pé de chuchu para colher pólen, quintal da autora. 2022.

Tempo

Como as folhas forrando o chão gélido
do outono

Como o pólen lambuzando os beija-
flores na doce primavera

Assim os pássaros vêm e vão

É migração

Movimento de mudança

Cíclica

(In)Constante

As flores caem

As penas renascem

Chegam os extremos

Quente, frio

Ao bater das asas ligeiras

A rapidez necessária para manter o
equilíbrio

Rápido, calmo

Leve e depressa

Eles vão e vem

É da natureza

Antagônica

Dual

Cada Beija-flor carrega consigo um
registro e deixa um pouco de si onde
pousa

É natural, ir e vir

Um dia chegará a hora de ficar

Paralisado, perplexo

Morto

Aqui jaz

Um sentir, um estar

13/07/2019



Farinheira litorânea e amizade extensionista, Guaratuba, 2018.
Farinheira rústica de madeira, com tacho para a limpeza das raízes de mandioca disposto em uma pequena cobertura externa sob troncos.

Primeira vista de alto campo, Matinhos, 2017.
Paisagem capturada do alto do morro Santa Cruz, com vista para a malha da cidade, e mar.





Pôr do sol nas Araucárias, vista para quintal da tia. 2020. Paisagem ao pôr do sol, vista do alto de Araucárias e do pequeno bosque com Araucárias, fotografia sob semipenumbra.

Janela d'alma

Vejo através de ti
 Serenas nuvens embaçadas
 Olho para além de ti
 Não vejo nada

Não sejam as memórias atrapalhadas
 Sinceras como o breu da madrugada
 Ainda embaçadas
 Olho por elas
 Não vejo nada

É o breu
 Um vazio
 Sem nada

04/08/19



Cataratas do Iguazu, águas que voam. 2018.
Fotografia tirada da beira da estrutura sobre o Rio Iguazu, lado brasileiro do parque, ao fundo vista para cachoeiras menores ao longo da trilha.

Ciclos

Lunares
Solares
Universais
Mentais
Pessoais

Nos eternos vai-e-vem da vida
A cada partida uma sodeade
Do que foi, do que poderia ser
Mas não mais será

A vida é assim, cíclica, inconstante,
transformadora

Aprenda a respeitar suas marés
E a navegar por elas da melhor
forma possível, esta é a
oportunidade

E o destino?

Gosto de pensar nele como
caminho, e assim vou caminhando
vou...

05/07/2019



Lago familiar, Òóré Yéyé ó! 2018.
Vista de um lago no parque Newton Puppi em Campo Largo,
ao fundo vista para casarão, Araucárias e balão de ar quente
no céu.

Grosseria

Mainha derrama lá fora
Lágrimas calmas e densas
Alaga minha'lma

Transforma meu barro
Molda minha podridão
Todos somos podres

E grosseiros
Estes corpos grosseiros
Pesados como os potes de barro

Somos sopro
Somos os ventos de Oyá
Ventania que apavora

Quem me teme que me ame
Quem me ama que me tema
Pois sou sim, sou tudo, sou nada
Sou minha

20/09/19

Lagoa dourada, Òóré Yéyé ó! P.E. Vila Velha. 2018. Lagoa refletindo luz solar em tom dourado, devido a formação e composição de seu fundo. Dourado é uma das cores atribuídas a orixá Oxum, orixá que vibra nas águas doces de rios, lagoas/lagos e cachoeiras.



Cabaraquara, Salubá! Mangue a beira da baía de Guaratuba. Com redes para criação de ostras. 2019.

Naná é a orixá que vibra nas águas salobras e barrentas de mangues, mas também nas águas doces de nascentes e poços, suas águas representam o ciclo de início e fim/ vida e morte.





Vida a frente, porto ao fundo. Odó-lyá! Prainha de frente ao porto, barco de pescador com pequenas aves aquáticas. 2019.

Marear

Contrastes entre lastro e pescado

Sem pausa para habitar

Caiçara quase não há

O que há?

Ganância pra se explorar

Se mata e mangue acabá

Problema não há

Pois vamos desenvonvimentá

O ser sem perceber imerso já está

Na lama podre do capitá

06/12/19



Barraca de frutas.
Bananas, maracujás,
mimosas, frutas do
conde, farinha de
mandioca, etc.
Festa feira. 2018.



Alimentos (con)sagrados.
Barraca de comida baiana
com seus patuás.
Feira da Osório. 2022.



Feijoada vegana, prato feito e bem servido de feijoada com lascas de coco, farofa, couve, laranja e arroz. Veg veg, Curitiba. 2022.

(En)cantam o sagrado

Sagrado ato de dar bênçãos saciadoras

Sagrado alimento preparado na harmonia da sagrada divindade

Sem custo mundano

Mas valoroso é

Cada nutriente abençoado pelos sagrados irmãos e filhos

Cada cântico entoado

Cada paladar agraciado

No Brasil do mapa da fome

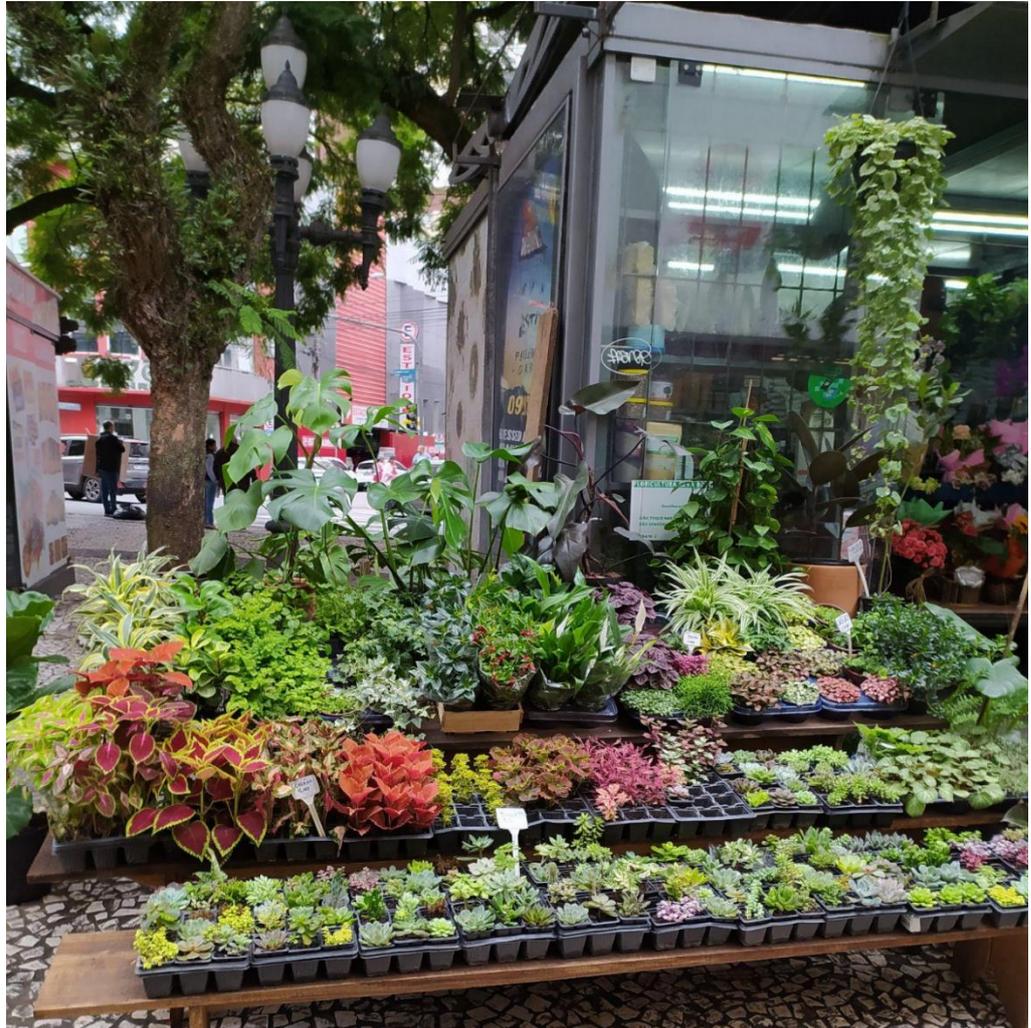
Cada alimento é sagrado

Parece mentira sermos o maior exportador de grãos da AL e estarmos com fome, sem gás

Cadê o feijão? O óleo há 10 reais

Que Brasil é esse onde o Sagrado alimenta quem deveria ter direito a bem mais?

01/04/22



Suculentas da XV, bancada com variadas e coloridas flores ornamentais e suculentas. 2022.

Entre prédios e suculentas, mora a fome, e sobrevive uma árvore
 Colorida é a beleza dos pequenos seres, mas nos jardins onde mora,
 varandas ou centros de mesa
 Mora também minha doce tristeza
 Tristeza ao ver um senhor implorar por ajuda num ponto de ônibus;
 Se abrigar numa marquise sorrateira;
 Se consolar numa garrafa atrás da...
 Verdadeira...
 É, solidão brasileira

03/04/2022

Alzheimer

Do esquecimento
 Da confusão
 Do caos nítido
 Ao pedido de ajuda
 A incapacidade de passar por ti
 Tão ferrenha prova
 Tão duros alqueires da carne e da mente

Sinto sangrar a alma
 Um sangue a transmutar
 De quem já muito se omitiu da dor e pela dor
 A quem ainda passará

Desafiada me sinto a manter a fé na recompensa divina
 Se muito sofres aqui
 Lá não mais sofrerá

A sua, como a nossa, hora de partir se aproxima
 Todos temos de fazer a transição
 Uns mais cedo que outros
 Não há perda, há transformação
 Assim como o mar se agita e se acalma

Assim como a natureza material a espiritual é feita de ciclos
 Representada por signos; e
 Abençoada pelos vivos

31/05/2021



Flor de alecrim, pequena e lilás flor aberta ao topo de um galho de folhas. O alecrim é uma erva utilizada para acalmar e promover reequilíbrio energético. Quintal da autora. 2021.



Pilar da fornalha de minha infância.
 Melissa (gata) sob o pilar remanescente da
 fornalha citada no poema ao lado. Ao fundo
 diversas plantas do quintal, tais como boldinho
 da horta e insulina. 2022.

A fornalha

No quintal havia uma fornalha
 Não de barro
 Mas de alvenaria
 Enquanto crescia via
 Com suave harmonia
 Como a chama ardia

Lá se vão 20 anos
 E a pilastra é o que resta
 Não há mais pão fresco
 Não há mais nona a espera

O quintal com galinhas
 E as amoras docinhas?
 Ah que alegria!
 As memórias de uma infância bem vivida
 Da Rosa casinha
 Da suave alegria

Saudade vozinha

13/04/2022



Pequeno gafanhoto, pousa sorrateiro
sob as folhas verdes do limoeiro no
quintal da autora. 2021.

Pequenino

O pequenino bosque ao redor de mim

Verde ao céu

Decomposto à terra

O pequenino está vivo

Tal como eu ao seu encontro

O pequenino respira

Todo dia, o dia todo

O pequenino transmuta e comunica

O pequenino se interliga

Micélios nos dizem que o pequenino é forte

O pequenino integra uma grande comunidade

O pequenino morre e nasce

Todo dia o pequenino comunica

É vida, respira, vibra, morre

No ciclo sem fim o pequenino encerra
definitivo o poder do inconstante

Obrigada pequenino

01/01/2022

5 POSFÁCIO

A reunião desses retalhos fotográficos e poéticos foi um processo rápido, mas para chegar até aqui demoramos muitas prosas com chás e mates. Caro leitor saiba que esse processo todo teve início a partir da aceitação de que a vida, tal qual este trabalho, não é perfeita. A cada agulhada no dedo surgia mais uma emenda nessa colcha presente. Esse trabalho é o marco do fim de um ciclo, com muitos entrelaces nesses registros e significados que tentei traduzir através de legendas e esquemas nos anexos.

Jack Pires fotografou o cotidiano de Curitiba, em preto e branco, dando a visão da cidade e de sua população. Aqui optei por utilizar fotografias coloridas de paisagens, em sua maioria, além de serem retratos da natureza são retratos do sagrado, como mencionado em várias legendas. Para a autora os campos da natureza são pontos de vibração sagrada, neste trabalho optei por saudar o sagrado como é reconhecido na Umbanda.

Existem diversas filosofias, e religiões que consideram a natureza sagrada, optei pela Umbanda devido a experiência que tive junto dela, ao aprendizado de olhar e saber que uma planta, animal, pedra, ou o próprio ar é um sagrado. Essa experiência religiosa/filosófica juntamente das experiências da formação enquanto gestora ambiental transformaram meu olhar.

No momento de apresentação oral deste surgiu a seguinte provocação da banca: como possibilidade de uso futuro, por que não elaborar um material para educação ambiental? Um jogo de tabuleiro/fichas com interpretação: da paisagem, das poéticas... Me disponho a cria-lo se for de interesse de algum educador.

Me encontro sem modo de despedida diante desse que é o maior exercício de reunião e divulgação poética que já realizei. No entanto convido a ti, caro leitor, a ir ao campo natural de sua preferência e respirar, use o diafragma e se preferir também um bom livro, mas nunca se esqueça de admirar as pequenas surpresas que a natureza promove aqueles com atentos sentidos a observa-la.

Agradeço a persistência.

A autora.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 2005
- BACKES, Paulo. **Lutzenberger e a Paisagem**. Porto Alegre: Paisagem do Sul Editora, 2005
- BRASIL. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014
- CAPRA, Fritjof; et alli. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006
- FIRPO S. PORTO, Marcelo; SCHÜTZ, Gabriel Eduardo. Gestão Ambiental e Democracia: análise crítica, cenários e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**. 17(6), 2012, p. 1447-1456
- JUSTINO, Maria José. **Frans Krajcberg: a tragicidade da natureza pelo olhar da arte**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005
- LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013
- LEMINSKI, Paulo; PIRES, Jack. **Quarenta clics em Curitiba**. 2.ed. Curitiba: Etecetera/Secretaria de Estado da Cultura, 1976
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- MIES, María; SHIVA, Vandana. **La praxis del ecofeminismo: biotecnología, consumo y reproducción**. Barcelona: Icaria Editorial, 1998
- MORIN, Edgar. **Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- MORIN, Edgar; TERENA, Marcos. **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010
- REDE PENSSAN. **Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Vox Populi, 2021
- SALGADO, Sebastião. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SATO, Michele (org.) **Eco-Ar-Te para o reencantamento do mundo**. São Carlos: RiMa Editora/FAPEMAT, 2011

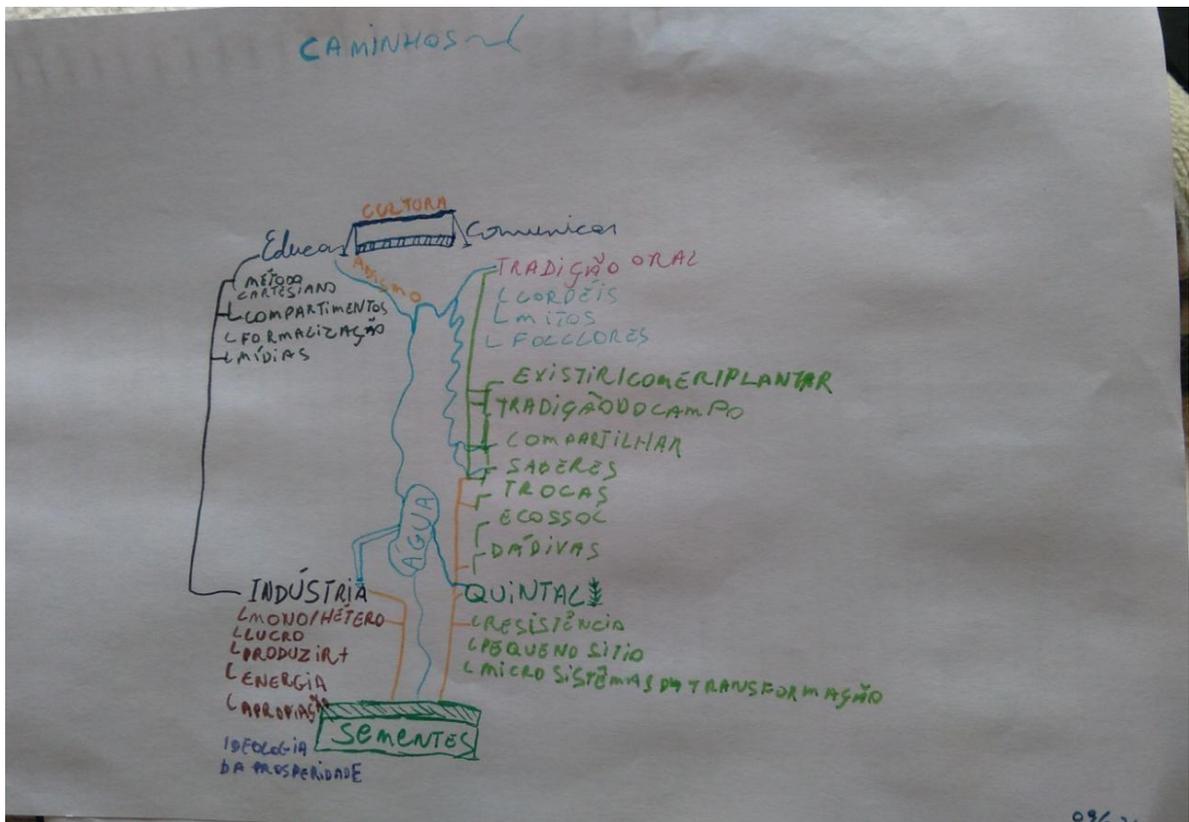
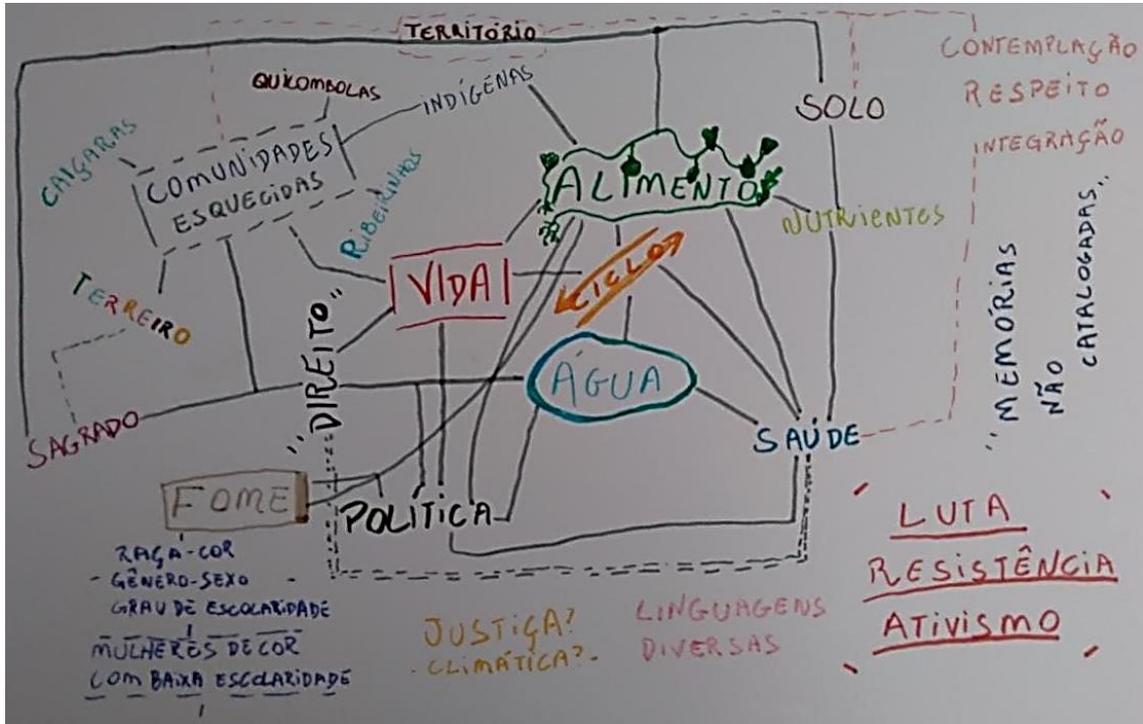
SATO, Michele; SILVA, Regina; JABER, Michelle. **Educação Ambiental**: tessituras de esperanças. Cuiabá: Editora Sustentável/EdUFMT, 2018

SATO, Michele; CARVALHO, Isabel (org.) **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2008

SORRENTINO, Marcos; et.ali. **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005

VIEZZER, Moema. **Vocação de Semente**. São Paulo: Brasil Sustentável, 2017

ANEXO 1 – ESQUEMAS



ANEXO 2 - MEMORIAL DE VIVÊNCIAS

Minha caminhada de vivências começa junto das primeiras aulas na universidade, logo quis acompanhar IC's e me familiarizar com o mundo acadêmico. Durante um ano e meio eu observei minha querida colega de setor Maria Karoline de Medeiros durante sua IC, e auxiliei com o pouco que podia, principalmente nos campos durante a observação não participante e a aplicação de questionários. Nesse primeiro momento pude aprender como realizar essas atividades tão essenciais a pesquisa em campo, e também como agrupar e interpretar os dados, além de aprender a buscar bibliografias e toda a parte mais burocrática da pesquisa.

Nesse meio tempo também fui extensionista, em um período de escassez de recursos e baixa mobilização de nossa comunidade alvo, o projeto era sobre farinhas comunitárias, e nele aprendi cada etapa da produção da farinha de mandioca. Bem como pude aprofundar diversos conteúdos teóricos e práticos. Apesar das dificuldades foi uma experiência importante para aprender que a extensão se faz com a comunidade e sem ela as ações acabam não surtindo os efeitos que gostaríamos.

Assumi o compromisso oficialmente na IC em 2018, ainda a considero uma de minhas maiores conquistas acadêmicas, não somente pelo seu valor acadêmico, mas pelo aprendizado em amplo aspecto que conquistei através dela, venci muitas inseguranças para completá-la, e hoje fico feliz por ter me envolvido com sua temática.

Sobretudo a IC foi um estudo exploratório que para além de todo conteúdo bibliográfico e experiências de campo me ensinou persistência e me desafiou como aluna e pesquisadora.

Ao final dos fundamentos teórico práticos da graduação voltei a extensão, desta vez em tempos pandêmicos e com proposta de diagnóstico remoto. Na verdade a área sempre foi a mesma, a comercialização, os agricultores, os produtos, essas interações e laços tão lindos dos Circuitos Curtos de Comercialização.

O maior presente dessas vivências, além do conhecimento, foram as relações que construí, as meninas da salinha foram um grande apoio, todas as amigas, apesar das dificuldades os frutos foram muito bons, só tenho a agradecer aos

envolvidos pelas memórias. Abaixo algumas recordações, infelizmente devido as atividades 100% remotas não tenho registros da última extensão.

IC, arquivo pessoal:



Extensão Farinheiras, arquivo do projeto:





ANEXO 3 - MEMORIAL DAS INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS

2017-1: DIREITO E LITERATURA, Prof. EDUARDO HARDER.

Harder, meu querido orientador, foi o mediador desse primeiro encontro com o que é a ICH. Não poderia ter sido uma acolhida mais carinhosa e humana! Por mais irônico que isso seja, eu sempre fui péssima em tirar fotos e guardá-las, sempre preferi viver o momento e registrar na memória (apesar de sempre tirar fotos de coisas aleatórias, o que me rendeu o TCC).

Nesta ICH nos encontrávamos no atual Espaço Paulo Freire (Multiuso) para dialogar sobre o livro “DA BAÍA DE PARANAGUÁ, por Julius Platzmann”, que é uma reunião de relatos do autor estrangeiro de quando morou no Litoral paranaense por volta de 1800. Foi um ótimo introdutório para a história das antigas tradições do território caiçara paranaense (da época que nem se chamava Paraná).

2017-2: RPG, Prof. LUIZ EVERSON DA SILVA

Uma investida na cultura Geek, muito apreciada, afinal o RPG de mesa exercita a arte de criar e interpretar seu personagem, estimula a lógica e ainda rende boas doses de ocitocina perante os risos das escolhas erradas, ou dos críticos obtidos durante as seções.

Nos dividimos em grupos, cada grupo tinha um mestre de mesa para conduzir a história, dentro do sistema que optamos por jogar. Criamos a ficha de nossos personagens e tivemos um semestre muito inventivo.

2018-1: COZINHA VEGETARIANA, Profa. JULIANA QUADROS.

Nesta ICH tive um convívio muito bacana com os outros alunos, por ser uma experiência prática na cozinha, um lugar tão afetivo, o acolhimento muitas vezes vinha quentinho e saboroso. Essa ICH foi ministrada por alunos, o que tornou a experiência uma das mais colaborativas que tive na UFPR.

Também tivemos espaços de socialização de conteúdos sobre veganismo e vegetarianismo, foi uma experiência que contribuiu muito nos meus processos particulares de alimentação, tanto por contribuir na desconstrução do paladar infantil, como na abertura de horizontes frente ao vegetarianismo.

2018-2: MEDITAÇÃO: UM MERGULHO EM SI, Profa. SUZANA CINI FREITAS NICOLODI

Um treino de autocuidado e autoconhecimento através de práticas meditativas guiadas, onde alunos ou convidados ministravam os encontros. Enquanto pessoa

ansiosa me ajudou muito a acalmar, estar focada no presente e ainda auxilia muito nos meus momentos difíceis, as vezes nos falta saber respirar!

E eu ainda não aprendi a fazer a respiração diafragmática, me requer mais anos de prática, mas sou muito grata por ter tido início numa universidade.

2019-1: IIMPROVISAÇÃO TEATRAL A PARTIR DO SISTEMA CAMPO DE VISÃO DE MARCELO LAZZARATTO, Prof. JOSÉ LUIZ DE SOUZA SANTOS

Ministrado pelo egresso do curso de Licenciatura em Artes da UFPR e na época docente externo, Prof. Paulo Ricardo Carvalho, muito querido e atencioso. Foi uma das mais intensas experimentações dentro da universidade, uma imersão em mim. Aqui tive certeza de que somos múltiplos em um só ser, essa experiência artística me fez refletir muito sobre o futuro, planos para práticas teatrais estão nele! Enfim, nessa como em muitas outras práticas artísticas encontrei liberação e conforto.

Montamos uma mini apresentação, as fotos dela foram tiradas pela Daniele Salmoria, a apresentação foi nomeada Umbral e falava sobre mazelas sociais que enfrentamos.





2019-2: MULHER, EMPODERAMENTO E AUTOCUIDADO, Profa. CRISTIANE ROCHA SILVA

Uma vivência muito acolhedora junto as mais variadas mulheres da UFPR, tivemos muitos acolhimentos dentro desses encontros. Era em um momento que particularmente eu passei por processos densos, e poder compartilhar e ouvir de outras mulheres foi fundamental.

Conversávamos sobre sagrado feminino, anatomia, terapias naturais, e tentávamos sempre ter algum alimento pra compartilhar na roda.

Optei por cortar as fotos, pois não tenho a autorização das participantes para divulgação.



2020-1 Período especial: TURISMO, HOSPITALIDADE E GASTRONOMIA A PARTIR DE PRODUÇÕES DE CINEMA E TELEVISÃO, Prof. MARCOS LUIZ FILIPPIM E Profa. ELIZABETE SAYURI KUSHANO

Uma ICH que surpreendeu apesar da distância, os alunos a partir de grupos indicaram títulos (séries e filmes) a serem vistos por todos, nos encontros cada grupo apresentava sua obra com o olhar crítico, analisando os aspectos socioculturais, ambientais, econômicos, etc. das obras e após a exposição todos dialogavam sobre suas impressões, foram conversas muito ricas devido a diversidade de formações presente na turma.

Abaixo um print da apresentação feita pelo grupo que integrei, escolhemos uma série culinária que tinha episódios explorando as culinárias ao redor do mundo.



Shogun

A chef e mestre de cozinha. Você está a caminho de um novo mundo, um mundo de desafios e de oportunidades. Você está a caminho de um novo mundo, um mundo de desafios e de oportunidades.

É uma experiência que é altamente personalizada e única para cada indivíduo, não há um padrão de atendimento.

É uma experiência que é altamente personalizada e única para cada indivíduo, não há um padrão de atendimento.

Qual destino/gastronomia sentiu mais vontade de visitar/apreciar?

1st	Itália - Gordura
2nd	México - Acidez
3rd	Japão - Sal
4th	EUA - Calor

2020-2: CINEMA E DIREITO, Prof. EDUARDO HARDER

Vou ter que confessar uma coisa bem vergonhosa, diante de tanto repuxe de memória pra finalizar esse documento, tive que recorrer aos e-mails pra lembrar desses encontros, não por eles serem negativos, muito pelo contrário. Analisamos uma filmografia selecionada do diretor brasileiro Silvio Tendler.

Os documentários têm como característica permitir uma análise da sociedade brasileira, sem deixar de lado fenômenos como a globalização, a crise ambiental e política.

A minha falta de memória recente é um problema que só se resolve vendo fotos, escritos... E foi assim que eu achei meu trabalho final que é a poesia abaixo, resumindo um pouco de toda a experiência que foi ver obras tão densas e significativas para o momento que o país se encontrava.

A saúde e o capitar
 O desenvolvimento ironiza
 O negacionismo "cientista"
 A democracia humaniza

Das bolhas e realidades paralelas
 Cenas e memórias esquecidas
 Relembradas pelas telas
 Escondidas por facínoras

Forças repressoras
 Forças de luta coletiva
 Não sejamos as revoltas armadas
 Mas as uniões amigas

Transformações vem e vão nos ciclos da vida
 Na vida social a luta é contínua!
 A justiça bradada nem sempre é atingida
 A luta continua

O campo nos contrasta, o campo nos humaniza
 Agrotóxico não nos alimenta
 O que nos alimenta não se financia

11/08/2021